



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Licenciatura em Sociologia

**Gestão de risco no comércio informal: Estratégias e práticas de prevenção de COVID-19
usados pelos vendedores informais do mercado de Zimpeto, 2020 – 2021**

Autora: Mónica Alfredo Matusse

Supervisor: Msc. Cândido Chume

Maputo, Outubro de 2024

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Licenciatura em Sociologia

Título:

**Gestão de risco no comércio informal: Estratégias e práticas de prevenção de COVID-19
usados pelos vendedores informais do mercado de Zimpeto, 2020 – 2021**

Monografia apresentada à Faculdade de
Letras e Ciências Sociais da Universidade
Eduardo Mondlane, em cumprimento dos
requisitos parciais para obtenção do grau de
Licenciatura em Sociologia.

Autora: Mónica Alfredo Matusse

Supervisor: Msc. Cândido Chume

Maputo, Outubro de 2024

Título:

**Gestão de risco no comércio informal: Estratégias e práticas de prevenção de COVID-19
usados pelos vendedores informais do mercado de Zimpeto, 2020 – 2021**

.

Monografia apresentada à Faculdade de Letras
e Ciências Sociais da Universidade Eduardo
Mondlane, em cumprimento dos requisitos
parciais para obtenção do grau de Licenciatura
em Sociologia.

Comité do júri

O Presidente

O Supervisor

O Arguente

Maputo, Outubro de 2024

Declaração de Honra

Eu, Mónica Alfredo Matusse, declaro por minha honra, que este trabalho de monografia nunca foi apresentado, na sua essência, para obtenção de qualquer grau num outro âmbito e ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas, no texto e nas referências bibliográficas, as fontes utilizadas para a sua elaboração.

Maputo, aos ____ de _____ de 2024

Assinatura

(Mónica Alfredo Matusse)

Dedicatória

Aos meus pais Alfredo Zefanias Matusse e Maria Amélia Vicente Ubisse. Á minha filha Luana Mário Saveca e ao meu marido Mário Casimiro Saveca. Vocês são o meu alicerce.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida, por ter me atribuído a oportunidade de fazer parte da Universidade Eduardo Mondlane e por ter permitido que eu chegasse aqui. Ao meu supervisor Mestre Cândido Chume, pelo suporte, atenção, paciência e por não ter medido esforços para partilhar o seu conhecimento com vista a materialização do meu sonho, que é a finalização deste trabalho, endereço os meus sinceros agradecimentos.

Aos meus Docentes do Departamento de Sociologia, quadro de docentes altamente profissionais, endereço os meus profundos agradecimentos. A partir do vosso ensinamento e sabedoria, adquirir a capacidade de olhar os acontecimentos da vida social (sociedade), cientificamente. Aprendi que é preciso questionar os fatos de forma mais profunda e não simplesmente se iludir com a aparência.

Aos meus colegas de turma, muito obrigada. Em especial agradeço ao meu grupo de estudo, as minhas companheiras de batalha Ângela Tovela, Marina Moiane, Nesse Melo e Vânia Zavala. Juntas partilhamos o conhecimento e em momentos difíceis nunca desistimos de cada desafio imposto, rumo a nossa formação. Muito obrigada minhas mazas, por ter feito parte da minha caminhada.

Estendo os meus profundos agradecimentos a todos os vendedores informais que abriram uma exceção do seu precioso tempo laboral, para colaborar com a entrevista, tornando realidade esta pesquisa.

Aos meus pais, Alfredo Zefanias Matusse e Maria Amélia Vicente Ubisse, pelo amor incondicional, pelo apoio e por terem depositado a sua confiança em mim, independentemente de qualquer circunstância e por tudo terem feito para que eu concluísse a minha licenciatura. Recebam o meu maior agradecimento mamã e papá. Ao meu marido, Mário Casimiro Saveca, que desde o início da minha caminhada académica na UEM, esteve ao meu lado me apoiando incansavelmente, por ter me motivado a não desistir apesar dos desafios, oh meu marido, muito obrigada. Aos meus irmãos, José Pessoa Alfredo Matusse, Carmélia Alfredo Matusse e Raimundo Dias Alfredo Matusse, o meu muito obrigada pelo suporte e pelo encorajamento.

Aos meus amigos, Hirminigínia Orlando, Cláudia Domalampo, Isabel Seia, Armando Januário, Jaime Inácio, Marta Dos Santos, Narcília Muchanga, o meu muito obrigada pelo apoio.

Lista de Siglas, Acrónimos e Abreviaturas

COVID-19 – Síndrome Respiratória Aguda Severa causada pelo vírus SARS CoV – 2

EPIs - Equipamentos de Protecção Individual

INE – Instituto Nacional de Estatística

MISAU – Ministério da Saúde

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONS – Observatório Nacional de Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

MEF – Ministerio da Economia e Finanças

OPM – Oxford Policy Management

Resumo

Nesta pesquisa, abordamos a Gestão de Risco no Comércio Informal, focando nas estratégias e práticas de prevenção contra a COVID-19 adoptadas pelos vendedores informais do Mercado de Zimpeto. Diante da vulnerabilidade exacerbada pela pandemia, a questão que orientará nossa pesquisa é a seguinte: Que estratégias e práticas os vendedores informais do Mercado de zimpeto constroem para prevenir e adaptar-se ao risco de contaminação pela COVID-19? O objectivo principal é compreender como esses vendedores desenvolveram mecanismos de adaptação para lidar com o risco de contaminação. A análise dos dados empíricos foi orientada pela teoria de risco na perspectiva de Ulrich Beck. Utilizamos uma abordagem qualitativa, através do método fenomenológico para interpretar os significados das suas experiências. A técnica de colecta de dados foi a entrevista semiestruturada, permitindo conversas detalhadas. Foram entrevistados oito vendedores seleccionados por amostragem não probabilística intencional. A análise de dados foi feita através da análise de conteúdo. Em relação às questões éticas, todos os participantes assinaram um termo de consentimento informado, garantindo voluntariedade e confidencialidade. Os resultados destacam que apesar da adopção de práticas como lavagem das mãos, uso de máscaras e distanciamento social, a vulnerabilidade e desigualdade social dificultam a implementação rigorosa dessas medidas. O trabalho informal, que exige contacto constante com clientes, limita a adesão às recomendações sanitárias, levando alguns a buscar alternativas tradicionais, como o uso de plantas medicinais. Portanto, a pesquisa revela que a pandemia alterou profundamente as relações sociais e a dinâmica de subsistência dos vendedores, exigindo adaptações significativas nos negócios com vista a preservação da sua saúde em contexto de risco

Palavras-chave: Práticas, prevenção, risco, COVID-19, vendedores informais

Abstract

In this research, we address Risk Management in Informal Trade, focusing on the prevention strategies and practices against COVID-19 adopted by informal vendors at the Zimpeto Market. Given the vulnerability exacerbated by the pandemic, the guiding question of our research is: What strategies and practices do informal vendors at Zimpeto Market develop to prevent and adapt to the risk of COVID-19 contamination? The main objective is to understand how these vendors have developed adaptation mechanisms to cope with the risk of contamination. The analysis of the empirical data was guided by risk theory from Ulrich Beck's perspective. We used a qualitative approach through the phenomenological method to interpret the meanings of their experiences. The data collection technique was semi-structured interviews, allowing for detailed conversations. Eight vendors were interviewed, selected through intentional non-probability sampling. Data analysis was conducted through content analysis. Regarding ethical issues, all participants signed an informed consent form, ensuring voluntariness and confidentiality. The results highlight that, despite the adoption of practices such as hand washing, mask-wearing, and social distancing, vulnerability and social inequality hinder the rigorous implementation of these measures. Informal work, which requires constant contact with customers, limits adherence to health recommendations, leading some to seek traditional alternatives, such as the use of medicinal plants. Risk perceptions vary according to access to information and resources. Therefore, the research emphasizes that the pandemic profoundly altered social relations and the subsistence dynamics of vendors, necessitating significant business adaptations to preserve their health in a risky context.

Keywords: Practices, prevention, risk, COVID-19, informal vendors

Índice

Declaração de Honra	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Lista de Siglas, Acrónimos e Abreviaturas	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução.....	1
Contextualização	2
CAPÍTULO I - DA REVISÃO DE LITERATURA À PROBLEMÁTICA	4
1.2. Perspectiva económica	5
1.3. Perspectiva associada às estratégias e práticas preventivas de COVID-19.....	7
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	10
2.1. Enquadramento teórico	10
2.2. Definição e operacionalização dos conceitos.....	12
2.2.1. Comércio Informal	12
2.2.2. Risco	13
2.2.3. Estratégias e práticas de Prevenção	13
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	15
3.7. Constrangimentos da pesquisa e formas de superação	17
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	18
4.1. Perfil Sociodemográfico dos Vendedores Informais	18
4.2. Estratégias e práticas de prevenção de COVID- 19	18
4.3. Mudanças provocadas pela COVID-19.....	24
4.3.1. Reestruturação do mercado e subida dos preços	24
4.3.2. Encerramento antecipado das actividades comerciais.....	25
4.3.3. Renda familiar antes e durante a COVID-19.....	26
4.4. Percepções e experiências adquiridas pelos sobre a COVID-19.....	28
Considerações Finais	33

Referências bibliográficas	35
Termo de Consentimento Informado.....	37
Guião de entrevista realizado aos Vendedores Informais	38

Índice de Tabelas

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos entrevistados (uso de nomes fictícios)	18
--	----

Introdução

Nesta pesquisa, tratamos da Gestão de Risco no Comércio Informal: Estratégias e Práticas de Prevenção face à COVID-19 entre os Vendedores Informais do Mercado de Zimpeto. Procuramos investigar a gestão de riscos e as estratégias adoptadas pelos vendedores informais do mercado de Zimpeto durante a pandemia da COVID-19.

Mesmo diante da obrigação de sair para realizar as suas vendas e atender às suas necessidades, esses vendedores enfrentaram desafios significativos num contexto de alta vulnerabilidade à contaminação, especialmente durante o pico da pandemia em Moçambique (2020-2021). É do nosso interesse compreender também a percepção actual da COVID-19 por parte dos vendedores informais. A problemática surge porque reconhecemos que esses vendedores enfrentam diariamente um processo de interacção social, envolvendo encontros com clientes, outros vendedores e pessoas que frequentam os locais onde trabalham.

Isso sugere que eles estão potencialmente entre os grupos mais vulneráveis à contaminação pelo vírus da COVID-19. Neste contexto, através do estudo em referência, pretendemos compreender de que forma os vendedores informais construíam mecanismos de adaptação perante o risco de contaminação pela COVID-19 no mercado de Zimpeto, no período de pico da pandemia no país. O objectivo geral deste estudo é compreender as estratégias e práticas de prevenção da COVID-19 com base nas experiências dos vendedores informais do mercado de Zimpeto. Para alcançar essa meta, foram definidos três objectivos específicos: primeiro, apresentar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa; segundo, descrever as estratégias e práticas de prevenção da COVID-19 adoptadas pelos vendedores informais do mercado; e, por último, relacionar as experiências adquiridas por esses vendedores em relação à prevenção da COVID-19 com as possibilidades de prevenir futuros desastres sanitários.

A escolha do tema surge de uma experiência pessoal durante um período de medo e incerteza entre os vendedores ambulantes, causado pelas mudanças drásticas provocadas pela pandemia da COVID-19. Parecia não haver outra opção para os vendedores informais além da venda ambulante para garantir o sustento familiar. Isso despertou o meu interesse em compreender como estes vendedores desenvolvem estratégias preventivas perante riscos à saúde e à vida, enfrentando a difícil escolha entre ficar em casa e passar fome ou arriscar a exposição ao vírus ao sair para trabalhar.

Este estudo também é importante para o avanço do conhecimento científico, especialmente no campo da Sociologia do Risco ou Desastres. Contribuirá para uma melhor compreensão de

fenómenos sociais de risco, como a COVID-19, através da análise da experiência de grupos específicos, como os vendedores ambulantes.

Acreditamos que este estudo terá uma relevância prática na sociedade, na medida em que irá contribuir, a partir da experiência vivida pelos vendedores ambulantes durante a pandemia, para que as autoridades públicas, e sobretudo as ligadas à saúde, possam desenhar melhores mecanismos de prevenção em casos futuros de pandemias e, quiçá, se desenhem estratégias que talvez adequem o comércio informal a lidar com riscos sanitários ou de outra natureza. Portanto, os resultados desta pesquisa podem constituir um instrumento que poderá ser usado para minimizar situações de risco futuras que ameaçam a coesão social, especificamente a dos vendedores informais, que é a nossa unidade de análise aqui.

Em termos estruturais, o trabalho está organizado em quatro capítulos distintos. O primeiro capítulo aborda uma revisão de literatura que engloba as principais discussões de diversos autores, tanto nacionais quanto internacionais, relacionadas à temática e à problemática do estudo. No segundo capítulo, apresentamos a teoria que serve como base para a pesquisa, bem como os principais conceitos a serem explorados. O terceiro capítulo detalha a metodologia adoptada, incluindo o método escolhido, a técnica de colecta de dados, os critérios de amostragem, as considerações éticas e quaisquer dificuldades enfrentadas durante a condução da pesquisa. Por fim, o quarto capítulo expõe e analisa os resultados obtidos em conformidade com o referencial teórico proposto, seguido das considerações finais e das referências bibliográficas consultadas.

Contextualização

A pandemia da COVID-19 surgiu na cidade de Wuhan, na China, em Dezembro de 2019, o vírus da COVID-19 disseminou-se rapidamente pelo mundo, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar uma pandemia em Março de 2020 (ONS, 2021, p. 8).

A pandemia da COVID-19 afectou profundamente todas as sociedades globalmente, especialmente os agregados familiares que dependem do comércio informal como fonte primária ou secundária de renda.

A pandemia trouxe mudanças sem precedentes em um curto período de tempo, impactando profundamente a vida das pessoas e as economias ao redor do mundo (Viswanath & Monga, 2020, p. 14). A Organização Internacional do Trabalho (2020, p. 49) estima que quase 1,6 biliões de trabalhadores formais foram significativamente afectados pela pandemia.

Em Moçambique, o primeiro caso foi registado em Março de 2020, e o país enfrentou três ondas da doença até Março de 2021, com a maioria dos casos concentrados na Cidade e Província de Maputo. As medidas de restrição impostas para conter a propagação da COVID-19, resultaram

num impacto económico negativo a nível macro, com a economia do país a contrair pela primeira vez em quase 30 anos, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2020, p. 23).

O comércio informal nas zonas urbanas caracteriza-se por ser um dos sectores mais expostos aos efeitos dos impactos socioeconómicos da pandemia da COVID-19. Tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento, os trabalhadores do sector informal e os informais tendem a ter acesso limitado a programas de apoio do governo (Cruz, 2022, p. 22).

O comércio é uma actividade humana e económica presente em todas as sociedades desde os primórdios da humanidade, desempenhando um papel fundamental no surgimento de grandes centros urbanos, como é o caso da Cidade de Maputo (Matsinhe, 2020, p. 62).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que cerca de dois biliões de pessoas, o que equivale a 61,2% da população mundial empregada, dependem da economia informal para subsistência, sendo que 93% delas vivem em economias emergentes e em desenvolvimento.

Nos países em desenvolvimento, o comércio informal representa a maioria do emprego, em média 69,6%, em comparação com apenas 18,3% nos países desenvolvidos, chegando a 85,8% no continente africano (OIT, 2020, p. 21).

A pesquisa empírica foi realizada, na cidade de Maputo, no mercado grossista do Zimpeto, entre os meses de Setembro a Novembro de 2023.

CAPÍTULO I - DA REVISÃO DE LITERATURA À PROBLEMÁTICA

Neste capítulo analisamos os potenciais impactos da pandemia de COVID-19 sobre os vendedores informais, subdividindo a revisão da literatura em três perspectivas fundamentais, nomeadamente: sanitária, económica e estratégias de prevenção. Especificamente, analisa-se como a falta de infra-estrutura sanitária nos mercados pode comprometer a adesão às medidas preventivas; como a pobreza pode limitar o acesso dos vendedores a recursos básicos de protecção, aumentando os riscos de transmissão do vírus e, por fim, examina-se as estratégias adaptativas adoptadas pelos vendedores informais, terminando-se com a construção da nossa problemática de pesquisa.

1.1. Perspectiva sanitária

Os autores desta perspectiva Agy *et al.* (2020); Rachide *et al.* (2020) e Siqueira (2020) defendem que a implementação das medidas de prevenção da COVID-19 nos mercados informais enfrenta dificuldades devido à falta de infra-estrutura sanitária adequada, como higienização das mãos, sanitários e materiais de desinfecção, resultando numa baixa adesão dessas medidas por parte dos vendedores. Estes vendedores, são mais susceptíveis a contrair doenças transmitidas pelo ar e por superfícies contaminadas, e ressaltam ainda que espaços públicos, como ruas e mercados, são locais de alta disseminação do vírus devido à concentração populacional.

Um estudo realizado por Agy *et al.* (2020) avaliou a implementação das medidas de prevenção do COVID-19 nos mercados informais e constatou uma baixa adesão à higienização das mãos por parte dos vendedores, possivelmente devido à falta de infra-estrutura sanitária adequada fornecida pelas autoridades do mercado.

Da mesma forma, Rachide *et al.* (2020) relataram diversas dificuldades enfrentadas pelo Mercado Zimpeto, incluindo a escassez de banheiros e materiais de desinfecção contra o vírus. Alinhado a essa perspectiva, Siqueira (2020) destaca que os vendedores informais estão mais

Susceptíveis a contrair doenças transmitidas pelo ar e por superfícies contaminadas, bem como pelo contacto com pessoas infectadas pelo vírus.

As consequências da doença para esses vendedores são ainda mais severas, já que muitos deles não contam com protecção social adequada, dependendo exclusivamente dessa actividade como sua principal fonte de renda. Os autores ressaltam que é nos espaços públicos, como ruas e mercados, onde o vírus também se dissemina, dada a concentração populacional nesses ambientes sociais (Idem).

Estudar a COVID-19 sob uma perspectiva sanitária enfrenta várias limitações. A doença é complexa, apresentando uma ampla gama de sintomas e impactos variados em diferentes grupos de pessoas, o que torna desafiante compreender completamente a sua natureza e efeitos na saúde humana. A evolução de diferentes variantes do vírus complica os esforços de controlo da propagação e a compreensão dos seus impactos diferenciados. Portanto, a COVID-19 interage com outros sistemas de saúde, económicos, sociais e políticos, influenciando a sua propagação e as respostas de maneiras complexas e imprevisíveis.

1.2. Perspectiva económica

Os autores da perspectiva Silva (2020); Garcia (2020); Macuane e Siúta (2020); Cruz (2022); Cárdenas & Montana (2020) económica discutem que a pobreza é o principal obstáculo ao cumprimento eficaz das medidas preventivas contra a COVID-19, pois a queda na renda familiar limita a aquisição de meios de sustento e protecção. Destacam que os vendedores informais são particularmente vulneráveis devido à baixa renda e ao contacto directo com clientes, com as medidas governamentais agravando essa situação. O comércio informal é visto como uma estratégia de sobrevivência diante da falta de políticas de apoio e do desemprego. Observa-se que o crescimento económico pode aumentar as desigualdades sociais, e que o comércio informal é tolerado pelos poderes políticos como meio de reduzir a pobreza e gerar emprego.

De acordo com os estudos desenvolvidos por Silva (2020, p. 32), a pobreza é o principal factor que impede o cumprimento eficaz das medidas preventivas contra a COVID-19. A queda brusca da renda familiar limita a aquisição de meios de sustento e de protecção, como máscaras, álcool em gel, água e sabão. Essa situação agrava a pobreza já existente no país, levando os vendedores informais a enfrentar o risco de morrer de fome, uma vez que o sustento familiar, que já era difícil em tempos normais, tornou-se ainda mais complicado com o isolamento social.

No entanto, Silva (2020, p. 33) não apresenta dados quantitativos para sustentar que todos os vendedores informais são pobres, já que alguns optam por essa actividade não por necessidade, mas por escolha. Garcia (2020, p. 28) acrescenta que os comerciantes informais têm uma renda muito baixa e estão mais expostos ao risco de contrair a doença devido ao contacto directo com os clientes. No entanto, Garcia não considera a vulnerabilidade dos clientes e de outras pessoas presentes nos locais de aglomeração social.

Macuane e Siúta (2020, p. 34) corroboram essa visão, afirmando que as medidas preventivas do governo colocaram parte dos vendedores informais em situação de vulnerabilidade, visto que dependem do trabalho informal para sobreviver.

A Organização Internacional do Trabalho (2020, p. 67) destaca a importância do comércio informal para o bem-estar social e económico, pois actua como uma opção acessível para a sobrevivência e manutenção da renda na economia informal. Lima e Bendassolli (2020, p. 19) complementam, apontando que o desemprego, a falta de políticas de apoio e a precarização do trabalho demonstram que o comércio informal é uma estratégia de sobrevivência, não uma escolha voluntária.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), citado por Stacciarini (2018, p. 26), indica que o crescimento económico frequentemente amplia as desigualdades sociais. Mosca (2015, p. 88) acrescenta que os poderes políticos permitem o comércio informal porque ele ajuda a reduzir a pobreza, gerar auto-emprego e criar rendimentos. Estes autores sugerem que o comércio informal está directamente associado a problemas estruturais, onde as políticas públicas falham em lidar com o crescimento da população economicamente activa.

Cruz (2022, p. 47) argumenta que os comerciantes informais são financeiramente vulneráveis por não disporem de benefícios como seguro-desemprego. A Organização Internacional do Trabalho (2020, p. 75) concorda, afirmando que a crise causada pela COVID-19 aumentou o emprego informal.

Segundo o Ministério da Economia e Finanças (2021, p. 9) os vendedores informais foram os mais afectados em termos de redução do número de horas de trabalho. "Isso fragiliza a renda familiar desse grupo, demonstrando que a pandemia agravou a crise económica já existente, afectando particularmente os vendedores informais, que não têm alternativas de sustento além de trabalhar nas ruas" (Cárdenas & Montana, 2020, p. 17).

Os impactos das medidas de isolamento social variam entre os sectores económicos e tipos de ocupações, pois algumas actividades podem ser realizadas por meio de computador ou celular, o que não é comum no sector informal.

Estudar a COVID-19 aliada ao comércio informal sob uma perspectiva económica apresenta várias limitações. Em primeiro lugar, o comércio informal muitas vezes escapa das estatísticas oficiais e dos registos formais, dificultando a obtenção de dados precisos sobre seu impacto económico durante a pandemia. Essa falta de dados limita a capacidade dos pesquisadores de entender completamente o alcance do problema.

Além disso, há a dificuldade de acesso aos participantes. Os trabalhadores informais podem ser difíceis de alcançar para pesquisas e entrevistas, especialmente durante uma crise de saúde

pública, quando muitos estão preocupados com sua segurança e subsistência diária. Essa dificuldade de comunicação impede uma colecta de dados ampla e representativa.

Por fim, existe uma grande variação geográfica e sectorial. O comércio informal pode diferir significativamente entre regiões e sectores económicos, o que complica a realização de generalizações amplas sobre seu impacto durante a pandemia. Esse cenário exige uma análise detalhada e contextualizada para compreender as especificidades de cada contexto, algo que nem sempre é possível com os recursos disponíveis.

1.3. Perspectiva associada às estratégias e práticas preventivas de COVID-19

Os autores desta perspectiva Chandrasekaran *et al.* (2020); Bogoch *et al.* (2020); Kretchy *et al.* (2020) e Agyekum (2020) defendem que durante a pandemia de COVID-19, os vendedores informais enfrentaram desafios significativos, adoptando uma variedade de estratégias para mitigar os riscos de transmissão do vírus. Estratégias e práticas que variam desde a adopção de Equipamentos de Protecção Individual (EPIs), rigor na higiene, conscientização e colaboração com autoridades locais, a transição para o comércio electrónico.

De acordo com Chandrasekaran *et al.* (2020, p. 12), muitos vendedores informais começaram a adoptar Equipamentos de Protecção Individual (EPIs), como máscaras faciais, luvas e aventais, visando reduzir o contacto directo com os clientes e prevenir a disseminação da COVID-19.

Além dessas medidas, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020, p. 31) discute a implementação de práticas rigorosas de higienização e desinfecção entre os vendedores, incluindo a desinfecção frequente de superfícies de trabalho e produtos, bem como a adopção de hábitos como a lavagem frequente das mãos com água e sabão, ou o uso de desinfectantes à base de álcool.

Para assegurar o distanciamento social e reorganizar seus espaços de trabalho de maneira eficiente, muitos vendedores têm adoptado práticas como o espaçamento adequado entre barracas ou mesas, conforme sugerido por Bogoch *et al.* (2020, p. 7). Tais medidas têm como objectivo evitar aglomerações e reduzir o risco de transmissão do vírus entre os clientes.

Além disso, a conscientização sobre a COVID-19 desempenhou um papel crucial, com iniciativas educativas fundamentais para informar tanto os vendedores quanto os clientes sobre sintomas da doença, medidas preventivas e a importância de buscar assistência médica quando necessário, como destacado por Kretchy *et al.* (2020, p. 22).

A colaboração entre vendedores informais, autoridades locais e organizações não governamentais também tem sido essencial para fortalecer as estratégias de prevenção.

Relatórios como os da *Oxford Policy Management* (2020, p. 24) sublinham a importância dessas parcerias na distribuição de EPIs, materiais de higiene e informações actualizadas sobre a pandemia, apoiando esforços colectivos para enfrentar os desafios económicos e de saúde pública decorrentes da pandemia.

Por fim, diante das restrições impostas pela pandemia, alguns vendedores informais têm adoptado o comércio electrónico e o uso de novas tecnologias como alternativas viáveis. Agyekum (2020, p. 17) menciona a utilização de aplicativos de entrega e plataformas online, permitindo que esses vendedores continuem suas operações comerciais de maneira segura, minimizando a necessidade de interacção física com os clientes.

Essas estratégias e práticas não apenas demonstram a capacidade de adaptação dos vendedores informais às novas realidades impostas pela COVID-19, mas também ressaltam sua resiliência e capacidade de inovação em tempos de crise global. A implementação eficaz dessas medidas continuará sendo crucial à medida que a pandemia evolui e novos desafios surgem.

Ao examinarmos o contexto dos vendedores informais, no mercado grossista do Zimpeto em Maputo, durante a pandemia de COVID-19, algumas limitações se tornam evidentes nesta perspectiva. Primeiramente, a aplicabilidade das estratégias mencionadas pode variar devido às condições específicas do mercado local, como infra-estrutura inadequada e densidade populacional elevada, que podem dificultar a implementação eficaz de medidas de distanciamento social e higiene.

Além disso, a falta de acesso a Equipamentos de Protecção Individual (EPIs) de qualidade e a recursos de saúde adequados pode comprometer a eficácia das práticas preventivas adoptadas pelos vendedores informais. A variabilidade nas respostas individuais e nas capacidades de adaptação também pode limitar a generalização dos resultados sobre as estratégias de mitigação de riscos aplicadas por esses trabalhadores durante a pandemia.

O comércio informal é uma realidade vivenciada em muitos países, especialmente nas áreas urbanas, onde indivíduos buscam sustento fora do mercado formal de trabalho. No coração de Maputo, o Mercado Zimpeto não é apenas um centro de comércio informal, mas um microcosmo pulsante de actividade económica, onde milhares de vendedores se reúnem diariamente para sustentar suas famílias e comunidades. No entanto, com a eclosão da pandemia de COVID-19, este espaço dinâmico transformou-se em um palco de desafios sem precedentes.

Os vendedores informais, frequentemente desprovidos de recursos básicos de saúde e segurança, enfrentam um dilema cruel. Enquanto lutam para manter seus meios de subsistência em meio as restrições de movimento e medidas de saúde pública, a necessidade de protecção contra o vírus os coloca em uma vulnerabilidade extrema. A falta de infra-estrutura sanitária adequada, incluindo higienização insuficiente, escassez de Equipamentos de Protecção Individual (EPIs) e condições de trabalho propícias à aglomeração, amplia consideravelmente os riscos de contágio.

Existem várias razões para isso. Em primeiro lugar, o comércio informal muitas vezes ocorre em espaços públicos densamente povoados, como ruas e praças, facilitando a aglomeração e, conseqüentemente, a disseminação do vírus. Além disso, os vendedores informais podem não ter acesso adequado a EPIs como máscaras e luvas, nem condições viáveis para implementar medidas de distanciamento social em seus locais de trabalho.

A interação próxima com os clientes também é inevitável, o que aumenta o risco de transmissão do vírus, especialmente sem as precauções adequadas. Adicionalmente, muitos desses vendedores operam em condições de higiene precárias, com acesso limitado a instalações sanitárias adequadas e água potável, dificultando a adopção de práticas básicas de higiene, como a lavagem das mãos. Por fim, devido à natureza informal do comércio, é desafiador para as autoridades monitorar e fiscalizar as actividades dos vendedores, garantindo o cumprimento das directrizes de saúde pública.

Diante da vulnerabilidade exacerbada pela pandemia, a questão que orientará nossa pesquisa é a seguinte: *Que estratégias e práticas os vendedores informais do Mercado de zimpeto constroem para prevenir e adaptar-se ao risco de contaminação pela COVID-19?*

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

O presente capítulo é reservado à apresentação do quadro teórico e conceptual que orientou a nossa pesquisa. Na primeira secção apresentamos os principais pressupostos teóricos e, na segunda secção, a definição e operacionalização dos conceitos que associados a teoria, possibilitam a leitura e compreensão da realidade em estudo.

2.1. Enquadramento teórico

A teoria de base que orientou a nossa análise e leitura dos dados da pesquisa empírica é a *teoria do Risco*, sob a perspectiva do sociólogo alemão, Ulrich Beck (1944-2015). Ulrich Beck, nascido em 1944 e falecido em 2015, foi um dos mais influentes sociólogos alemães da segunda metade do século XX. Ele se destacou por seus estudos sobre modernidade, risco e globalização. Formado em Sociologia, Filosofia, Psicologia e Ciência Política na Universidade de Munique, Beck lecionou em várias instituições prestigiadas, como a própria Universidade de Munique e a *London School of Economics*. Entre suas principais contribuições à sociologia, destaca-se a teoria da "sociedade do risco", apresentada em sua obra *Risk Society: Towards a New Modernity* (1986), onde aborda as transformações sociais e os novos desafios trazidos pela modernidade avançada.

Em *Risk Society*, Beck (2011, p. 28) propõe que a sociedade contemporânea migrou de uma "sociedade de classes" para uma "sociedade do risco". Se antes os riscos que ameaçavam as comunidades eram naturais, como desastres climáticos ou epidemias, hoje eles são uma consequência directa das actividades humanas e do progresso tecnológico. Ele exemplifica com a energia nuclear, pesticidas e outras inovações que, embora projectadas para melhorar a vida humana, criam novos perigos que não podem ser plenamente controlados ou previstos. Beck (2011, p. 36) defende que vivemos em uma era de incerteza, na qual as tentativas de dominar a natureza geram riscos que se tornam cada vez mais imprevisíveis.

Uma das ideias centrais da teoria de Beck (2011) é que os riscos contemporâneos são reflexivos, ou seja, são criados por nossas próprias tentativas de controlar o mundo. Esses riscos não se limitam às fronteiras de uma nação e afectam a todos, ainda que de maneiras distintas. Ele observa que, embora ricos e pobres estejam expostos aos mesmos riscos globais, como mudanças climáticas ou pandemias, os mais pobres sofrem mais intensamente as consequências. Para Beck (2011, p. 23), essa desigualdade na distribuição dos riscos é uma característica marcante da sociedade contemporânea.

Ele afirma que as instituições modernas, como o Estado e a ciência, enfrentam uma crise de legitimidade na gestão desses riscos. A sociedade contemporânea já não confia cegamente no progresso tecnológico ou nas instituições para resolver os problemas que ela própria cria. Beck

(2011) sugere que, na era da sociedade do risco, as respostas institucionais são frequentemente ineficazes ou insuficientes para mitigar os perigos globais. A teoria de Beck (2011) torna-se especialmente relevante quando aplicada à análise do risco de contaminação por COVID-19 entre os vendedores informais do Mercado de Zimpeto, em Maputo. A pandemia de COVID-19, que se espalhou globalmente, é um exemplo claro de um risco fabricado pela modernidade globalizada. O vírus, embora invisível, foi amplificado pelas interações humanas em um mundo altamente conectado. Os vendedores informais, que precisam trabalhar diariamente para sobreviver, enfrentam riscos consideráveis de contaminação, dada a natureza de suas actividades e a precariedade das condições de trabalho.

No Mercado de Zimpeto, onde o distanciamento social é difícil de ser implementado e as medidas de protecção muitas vezes são inadequadas, os vendedores encontram-se em uma posição particularmente vulnerável. A necessidade de manter suas actividades comerciais para garantir o sustento da família os coloca em uma situação de exposição constante ao vírus. Aqui, a teoria de Beck sobre a desigualdade dos riscos se manifesta com clareza. Os vendedores informais, que já enfrentam desafios socioeconómicos, são desproporcionalmente afectados pelo risco de contaminação em comparação com outros grupos sociais mais privilegiados, que podem adoptar medidas de protecção mais rigorosas ou trabalhar remotamente.

A pandemia também exemplifica a globalização dos riscos, outro conceito central da teoria de Beck. Embora o coronavírus tenha surgido em outra parte do mundo, suas consequências se espalharam globalmente, afectando todas as nações e especialmente impactando os países com menos recursos para lidar com a crise. O Mercado de Zimpeto, assim como outros espaços informais em países em desenvolvimento, tornou-se um ponto crítico de disseminação do vírus, evidenciando a interconectividade dos riscos na sociedade globalizada.

2.2. Definição e operacionalização dos conceitos

Esta secção é reservada a discussão e operacionalização dos conceitos que orientaram a nossa pesquisa. Apresentamos os seguintes conceitos: Comércio informal, Risco e Estratégias e Práticas de Prevenção. A discussão visa identificar o sentido que esses conceitos tem para a nossa pesquisa.

2.2.1. Comércio Informal

Silva (2010, p. 13) define o comércio informal como um conjunto amplo de práticas económicas socialmente aceitas, principalmente motivadas pela necessidade de sobrevivência, escapando parcial ou totalmente ao controle das autoridades públicas locais, regionais e nacionais, abrangendo aspectos fiscais, trabalhistas, comerciais e sanitários.

Macckintosh (1989, p. 26) sustenta que o comércio informal surge como uma estratégia de sobrevivência dos pobres, devido à incapacidade da economia formal em absorver mão-de-obra e gerenciar rendimentos, destacando seu papel crucial na subsistência de grupos marginalizados. Da Silva (2011, p. 22) complementa essa visão ao enfatizar que o comércio informal desempenha um papel fundamental na cadeia de distribuição de produtos diversos, envolvendo diversas instâncias económicas, apesar de sua natureza não regulamentada.

Por outro lado, Cacciamli (1994, p. 12) oferece uma definição jurídica mais estrita, caracterizando o comércio informal como actividades, trabalhos e receitas realizados fora das normas legais e práticas habituais, concentrando-se nas implicações legais e normativas do fenómeno.

No entanto, tanto Macckintosh (1989, p. 43) quanto Cacciamli (1994, p. 32) limitam suas abordagens principalmente aos aspectos económicos e jurídicos do comércio informal, deixando de lado considerações importantes sobre elementos culturais, físicos e sanitários. Este estudo, por outro lado, enfoca a complexidade social do comércio informal, sublinhando sua relevância vital dentro das comunidades.

Nesta pesquisa, adoptamos a abordagem conceitual de Silva (2010) para examinar o comportamento dos comerciantes informais em suas actividades. Seguindo essa perspectiva, consideramos comércio informal qualquer actividade realizada em um espaço físico, sem uma estrutura fixa de vendas, com um estoque limitado de produtos, ausência de registo e licenciamento, baixos custos de operação: Por não estarem sujeitos a regulamentações rígidas e encargos fiscais, os comerciantes informais geralmente têm custos operacionais mais baixos do que os negócios formais, variedade de produtos e serviços e vulnerabilidade a mudanças regulatórias, operando à margem da lei.

2.2.2. Risco

Magnanelli (2012, p. 36) concebe o risco como sendo "a probabilidade de ocorrer um dano em um organismo, sistema ou população sob circunstâncias específicas."

Marcondes (2020, p. 24) entende que "risco é qualquer situação que pode afectar a capacidade de atingir objectivos. Condição inerente a qualquer actividade, decisão e até a própria vida pessoal, profissional e qualquer entidade viva. É o resultado da possibilidade de uma ameaça explorar uma vulnerabilidade existente e causar danos ou perdas para um activo da organização."

Os conceitos apresentados por estes autores pecam por não conceber o risco como resultado de uma acção humana. Neste apanágio iremos nos centrar no conceito apresentado por Beck, que realça que " os riscos são situações de perigo com um potencial de autodestruição, pois não são naturais, mas consequências do desenvolvimento extremo da sociedade industrial e da tecnologia." (Beck, 2011, p. 78).

De acordo com Luhmann (1992, p. 53), fala-se de risco quando o dano provável é consequência da acção e está pressuposto a consciência deste dano; denomina-se perigo quando o dano é atribuído a causas externas, que fogem ao controle.

Portanto para fins desta pesquisa, iremos nos ater a concepção apresentada por Beck (2011) e complementada por Luhmann (1992), ao conceber o risco como a acção dos vendedores informais de realizar as suas actividades no mercado, tendo noção dos possíveis danos a saúde humana, os vendedores são vistos como os agentes causadores do próprio risco. Assim sendo, torna-se exequível para a compreensão do risco na medida em que olha, não só para riscos ligados a saúde, mas também para riscos que ameaçam o bem-estar social dos indivíduos, assim como a sua capacidade em atingir os seus objectivos, como foi o caso dos vendedores informais diante da pandemia de COVID-19.

2.2.3. Estratégias e práticas de Prevenção

De acordo com o Ministério da Saúde (2020, p. 24), estratégias e práticas de prevenção consistem em um conjunto de medidas adoptadas, com antecedência, para impedir o surgimento ou minorar os efeitos de algo nefasto ou que se receia. A palavra "prevenção" surge no contexto da promoção da saúde, como um conjunto de atitudes que devemos tomar por antecipação, de modo a evitar determinados acontecimentos. Ou seja, surge no sentido de "precaução" ou de evitar determinados riscos.

Para Green e Kreuter (2005, p. 32) referem-se às medidas adoptadas para evitar o surgimento ou a progressão de doenças e promover o bem-estar geral da população. Este conceito engloba

diversas abordagens e intervenções que visam reduzir os factores de risco, promover hábitos saudáveis e facilitar o acesso aos cuidados de saúde preventivos.

Neste sentido, a prevenção e promoção de saúde surgem também associadas à mudança de atitudes de modo a efectuar uma eficaz prevenção de doenças.

Portanto, para os fins desta pesquisa consideramos como estratégias de prevenção todos os instrumentos utilizados por pessoas colectivas ou individuais, para minimizar ou frear possíveis riscos de contaminação pela COVID-19, das quais podem se destacam, no contexto de prevenção da COVID-19, a higienização frequente das mãos, o distanciamento social, o uso da máscara de protecção facial ou viseira, cobrir o nariz e a boca ao tossir ou aspirar, não partilhar objectos ou alimentos com outras pessoas, não frequentar locais com aglomerados populacionais.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

Reserva-se neste capítulo à apresentação dos métodos e técnicas de recolha de dados que orientaram a nossa pesquisa. O que inclui apresentar os métodos de abordagem e de procedimento, o tipo de ferramentas e princípios éticos que foram usados.

3.1. Natureza da pesquisa

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, pois busca compreender a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos ou participantes da pesquisa, sem recorrer a medições ou análises estatísticas dos dados (Zanella, 2013, p. 32; Richardson, 2012, p. 43). A escolha deste método justifica-se por ser o mais adequado para a compreensão dos fenómenos sociais, permitindo uma análise aprofundada das percepções, experiências e realidades dos participantes envolvidos no comércio informal durante a pandemia. O estudo visa entender suas preocupações, os desafios enfrentados, as estratégias adoptadas, as práticas preventivas contra a propagação da COVID-19 no mercado e os impactos gerados em suas vidas.

3.2. Método de abordagem e procedimento

Para este estudo, optamos pelo método de abordagem e procedimento fenomenológico, pois ele não se limita a uma descrição superficial do fenómeno, mas envolve um processo interpretativo em que o pesquisador media os diferentes significados das experiências vividas. A fenomenologia busca interpretar o mundo através da consciência dos sujeitos, tornando-se, portanto, compatível com nosso estudo. Nosso objectivo é compreender a experiência dos vendedores informais e sua percepção sobre a COVID-19, informações essas que podem influenciar e informar as estratégias adoptadas para a prevenção da contaminação pelo vírus (Gil, 1999, p. 47).

3.3. Técnica de recolha de dados

A técnica seleccionada para a colecta de dados foi a entrevista semiestruturada. Este método é caracterizado pela transmissão de informações de uma pessoa para outra, sendo considerado vantajoso, pois permite que a conversa siga o curso dos depoimentos do entrevistado, sem aderir estritamente a um roteiro predeterminado.

De acordo com Richardson (2012, p. 206), o entrevistador "conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista". Para garantir a segurança e a qualidade dos dados colectados, as entrevistas foram gravadas com o uso de um

gravador de áudio, com a devida autorização dos participantes, e tiveram duração de 20 a 30 minutos.

3.4. População e Amostra

A população é definida como o conjunto de indivíduos que compartilham características comuns. Geralmente, o termo "população" refere-se a todos os habitantes de uma área específica, enquanto uma amostra é uma parte seleccionada dessa população para fins de estudo ou pesquisa (Richardson, 2012, p. 156).

Para garantir a selecção dos participantes, optamos por uma amostragem não probabilística intencional. Nesse método, um subgrupo da população é escolhido com base em critérios específicos definidos pelo pesquisador (Freitas *et al.*, 2013, p. 23). Os critérios considerados incluíram o tempo de experiência como vendedor informal no mercado e disponibilidade para a participação na pesquisa. Foram entrevistados homens e mulheres maiores de 18 anos, com um mínimo de três anos de experiência. Esses critérios foram estabelecidos porque os entrevistados com mais tempo de experiência possuem uma compreensão mais aprofundada do ambiente do mercado, especialmente em relação aos desafios enfrentados durante a pandemia, o que os torna mais aptos a responder às questões da pesquisa.

Portanto, os vendedores informais constituem nossa população de interesse. Para o estudo, seleccionamos uma amostra de oito vendedores informais do mercado grossista do Zimpeto, composta por 4 mulheres e 4 homens, com idades compreendidas entre os 19 aos 37 anos.

3.5. Técnica de análise de dados

Para a análise dos dados empíricos, utilizamos a análise de conteúdo, um método estruturado para a análise de informações colectadas através de técnicas específicas de colecta de dados, as quais são consolidadas em um documento. A organização da análise de conteúdo envolve três etapas principais: pré-análise; exploração do material, também denominada descrição analítica; e, finalmente, a análise e interpretação dos resultados (Chizzotti, 2001, p. 98).

Inicialmente, realizamos a transcrição fiel dos depoimentos dos entrevistados. Em seguida, filtramos as informações conforme os objectivos da pesquisa. Por fim, interpretamos os dados obtidos à luz do referencial teórico previamente descrito e apresentamos os resultados agregados em tópicos de temáticas que construímos a partir das principais constatações que emergiram da análise e interpretação das informações recolhidas.

3.6. Questões éticas da pesquisa

No que concerne às questões éticas observadas neste estudo, inicialmente foi fornecido aos sujeitos da pesquisa, neste caso os vendedores informais, um termo de consentimento informado tanto oral. Esse termo detalhava a natureza voluntária da participação dos sujeitos na investigação, bem como solicitava permissão para a gravação das entrevistas e a divulgação dos resultados da pesquisa. Antes do início das entrevistas, tomamos o cuidado de explicar minuciosamente aos participantes os objectivos do estudo e a importância potencial que os resultados poderiam ter para a tomada de decisões (Colonna, 2012, p. 155).

3.7. Constrangimentos da pesquisa e formas de superação

Durante o processo de colecta de dados em campo, uma das principais dificuldades encontradas foi a relutância dos vendedores em participar das entrevistas. Por inexperiência, começamos a colecta de dados sem explicar aprofundadamente os objectivos da nossa pesquisa, partindo do pressuposto de que eram claros. Mas os nossos interlocutores mostraram-nos uma relutância em fornecer-nos certas informações, temendo perder as suas posições no mercado. Notando-nos essa situação, através da maneira como decorreria a conversa, optamos por explicar com mais profundidade e detalhes os objectivos da nossa pesquisa, garantindo-lhes mais uma vez a confidencialidade da informação que nos forneciam e daí, notamos que alguns interlocutores já se “soltavam” mais, dando mais informações.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1. Perfil Sociodemográfico dos Vendedores Informais

A pesquisa empírica foi realizada na Cidade de Maputo, especificamente, no Mercado Grossista do Zimpeto, entre 18 de Setembro e 25 de Novembro de 2023. A amostra totalizou oito vendedores informais, igualmente distribuídos entre os sexos, com quatro participantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino. As idades dos entrevistados variam entre 19 e 37 anos, reflectindo uma representação significativa da população jovem de Moçambique.

Nº	Nomes	Sexo	Idade	Nível académico	Residência
1	Messias	M	31	7ª Classe	Zimpeto
2	Miguel	M	27	7ª Classe	Chamanculo
3	Helton	M	25	12ª Classe	Polana Caniço
4	Sofia	F	24	12ª Classe	Albazinhe
5	Maida	F	19	11ª Classe	Cumbeza
6	Carla	F	22	12ª Classe	Marracuene
7	Sara	F	29	10ª Classe	Maxaquene
8	Carlos	M	37	10ª Classe	Hulene

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos entrevistados (uso de nomes fictícios)

4.2. Estratégias e práticas de prevenção de COVID- 19

Com base nas entrevistas, os nossos interlocutores enfatizaram várias práticas essenciais para prevenir a propagação da COVID-19. Entre estas estão a lavagem regular das mãos com água e sabão, ocasionalmente utilizando cinza, além de portar uma máscara em todos os momentos. Eles também destacaram a importância de evitar tossir directamente nas mãos ou em direcção às pessoas, optando por cobrir a boca e o nariz com o braço dobrado para evitar a transmissão de doenças. O distanciamento físico de pelo menos um metro em locais como igrejas, escolas, hospitais públicos e cerimónias fúnebres foi mencionado como uma medida crucial para reduzir o risco de contágio, dado o alto número de pessoas presentes nesses ambientes.

Tínhamos que lavar as mãos, carregar consigo a máscara por onde for, tem que evitar tossir na mão ou directamente para a pessoa, tossir com o braço curvado para evitar transmitir as outras pessoas, estarmos distanciados uns dos outros pelo menos a 1 metro, era necessário usarmos um avental ou uma bata sempre que

estivéssemos a atender e sempre ter água e sabão por perto para poder lavar as mãos (Sofia, 24 anos)

Lavar as mãos com água e sabão, com cinza por vezes, usar a máscara e ficar um metro de distância das pessoas, nas igrejas, escolas, principalmente em hospitais públicos e cerimónias fúnebres que são lugares mais delicados porque tem lá muita gente ao mesmo tempo (Maida, 19 anos).

Beck (2011) destaca que a modernidade está marcada pela produção de riscos globais, que exigem novas formas de lidar com incertezas e ameaças, muitas vezes invisíveis, como os vírus. Sofia descreve uma série de práticas preventivas (uso de máscaras, lavar as mãos, distanciamento social) que reflectem a conscientização sobre os riscos de contágio e a necessidade de medidas individuais para mitigar esses riscos. O uso de avental ou bata ao atender outras pessoas simboliza uma tentativa de controlar e minimizar a exposição ao risco, demonstrando uma adaptação ao "novo normal" imposto pela pandemia.

De forma semelhante, Maida reitera as práticas de distanciamento social, lavagem das mãos e uso de máscara, e destaca a relevância desses cuidados em ambientes com aglomerações, como igrejas, hospitais e funerais. Esses locais, na teoria de Beck, representam vectores de risco, onde a probabilidade de contágio é mais elevada. A fala de Maida sobre o uso de cinza quando a água e sabão não estão disponíveis também reflecte a adaptação a uma realidade de precariedade de recursos, o que é comum em contextos de desigualdade social, uma das marcas do risco global.

Ambas as falas exemplificam como o risco se tornou parte integrante da vida cotidiana, sendo gerido por meio de práticas preventivas adoptadas de forma quase automática, conforme a sociedade reconfigura suas acções para sobreviver em um ambiente cada vez mais caracterizado por ameaças invisíveis e globais, como destacado por Beck (2011).

Beck (2011) argumenta que a sociedade moderna está constantemente lidando com riscos cada vez mais complexos, como epidemias, que desafiam nossas capacidades de previsão e controle. As práticas adoptadas reflectem uma resposta adaptativa à percepção de risco associada à COVID-19, buscando mitigar as consequências potenciais da doença através de acções preventivas informadas pela compreensão dos perigos envolvidos.

Notamos em meio as entrevistas que um grupo reconhecia que embora existissem as estratégias de prevenção difundidas pela OMS e MISAU que deveriam ser seguidas por todos vendedores afectos ao mercado, era difícil no seu entender seguir à risca todas as medidas sanitárias pela natureza do seu trabalho que exige o contacto permanente com outras pessoas, o que os fazia violarem conscientemente as medidas de prevenção.

Alguns dos interlocutores contaram-nos que adoptaram algumas estratégias caseiras para prevenir a propagação da COVID-19, com particular destaque para o uso de algumas plantas medicinais para aliviar os sintomas de doenças respiratórias como a COVID-19. No entanto, é importante notar que essas plantas podem fornecer alívio dos sintomas, mas não necessariamente curam a condição subjacente. Aqui estão algumas plantas comumente utilizadas para aliviar sintomas de doenças respiratórias: eucalipto, hortelã, gengibre e camomila.

Optávamos pela lavagem das mãos com sabão ou cinza, uso da máscara e preparávamos algumas receitas tradicionais que nossos avós nos ensinaram como o bafo caseiro de eucalipto e chás de limão, camomila, tsambalacate e gengibre quando alguém em casa apresentasse um sintoma da COVID-19 e aliviava (Sara, 29 anos).

Na casa de banho, havia muita aglomeração, as vezes tínhamos que chegar lá e formar uma bicha, entrávamos quase todos no mesmo sanitário, então ali é possível tossir e pegar as portas, desinfectávamos, mas pela quantidade das pessoas que vem comprar e que vendem vão para lá e todos estamos no mesmo lugar por isso para mim este era o lugar que eu considerava mais perigoso de estar (Sofia, 24 anos)

Na fala de Sara, ela descreve a adopção de práticas preventivas e tradicionais para lidar com os riscos de infecção, como a lavagem das mãos e o uso de máscaras. A menção de "receitas tradicionais" como o bafo de eucalipto e chás caseiros mostra a tentativa de conciliar o conhecimento científico com práticas culturais. Segundo Beck (2011), vivemos em uma "sociedade de risco", onde indivíduos são confrontados com ameaças globais e precisam, frequentemente, recorrer a estratégias pessoais e colectivas para lidar com elas. A utilização de remédios caseiros, nesse contexto, é uma forma de reduzir o sentimento de impotência diante de um risco invisível e global como o vírus.

Sofia, por outro lado, destaca o risco associado aos espaços colectivos e à aglomeração, especialmente em locais como a casa de banho, onde muitas pessoas compartilham o mesmo ambiente. Ela menciona o esforço de desinfectar as superfícies, mas o volume de pessoas torna difícil a contenção do risco. Para Beck (2011), os riscos contemporâneos são exacerbados em ambientes onde há falta de controle e uma visibilidade limitada do perigo, como os espaços compartilhados que Sofia descreve. Sua percepção de perigo reflecte a desigualdade no

gerenciamento de risco, onde, mesmo tomando precauções, ela se sente vulnerável devido à estrutura do ambiente e à quantidade de pessoas.

O distanciamento social e a lavagem frequente das mãos emergem como desafios significativos para serem cumpridos no contexto do mercado. Por um lado, o mercado recebe diariamente um grande número de pessoas de diferentes locais, todas em busca dos mesmos produtos, o que naturalmente leva à aglomeração e dificulta o controle sobre o contacto físico e a proximidade entre os indivíduos.

Por outro lado, os sanitários e lavatórios disponíveis, são considerados insuficientes pelos entrevistados para atender às necessidades tanto dos clientes quanto dos vendedores que frequentam o mercado. Especialmente para os vendedores informais, muitos dos quais não têm um espaço fixo, é desafiador desinfetar as mãos regularmente durante o atendimento a cada cliente. Isso os expõe ao risco de contaminação devido ao contacto frequente com moedas ou notas que podem estar potencialmente contaminadas.

Neste contexto, a dificuldade em seguir medidas como distanciamento social e higienização constante das mãos no ambiente do mercado destaca as barreiras práticas enfrentadas pelos vendedores informais e pelos clientes, ilustrando os desafios específicos que surgem na implementação de práticas preventivas em contextos de alta movimentação e interacção social.

Lavar as mãos, usar álcool em gel, colocar a máscara, manter a distância de pessoas, o método de distância as vezes não funcionava a pessoa as vezes aproximava sem que possamos ter um mínimo de controle (Carla, 22 anos)

Aqui no mercado era um pouco difícil, o método que mais usava era o uso da máscara quase sempre e mantinha o distanciamento de 1 a 2 metros, lavagem das mãos era quase sempre era difícil por causa da aglomeração de pessoas aqui no mercado (Carlos, 37 anos).

Na fala de Carla, a sensação de falta de controle é evidente. Mesmo ao seguir as medidas preventivas, como lavar as mãos, usar álcool em gel e manter o distanciamento social, ela percebe que o risco não pode ser completamente evitado, pois outras pessoas podem se aproximar sem que ela tenha controle sobre isso. Isso reflecte a ideia de Beck (2011) de que o risco se torna algo incontrolável e global, transcendendo a capacidade individual de evitar o perigo, o que gera uma sensação de vulnerabilidade constante.

Carlos também menciona essa dificuldade de controle, especialmente em um ambiente como o mercado, onde a aglomeração torna inviável a aplicação plena das medidas de protecção. O uso da máscara e o distanciamento são as medidas que ele mais consegue seguir, mas a dificuldade de lavar as mãos frequentemente, devido ao contexto do mercado, reforça a noção de que, mesmo com esforço individual, o risco permanece presente. Isso espelha a visão de Beck (2011) de que os riscos modernos não são facilmente contidos ou gerenciados pelas acções individuais, especialmente em espaços públicos e caóticos.

Portanto, as falas de Carla e Carlos exemplificam como o risco se torna uma constante na vida diária, e como as medidas individuais, embora importantes, são muitas vezes insuficientes para garantir segurança total.

Entrevistamos os participantes para avaliar o quão eficazes foram as estratégias que eles adoptaram para prevenir a COVID-19. Observamos que, entre os vendedores informais entrevistados, não houve aparição de sintomas que evidenciassem a presença da COVID, no entanto ficamos limitados em afirmar que as estratégias adoptadas surtiram efeito pois os nossos interlocutores não fizeram testagens nas unidades sanitárias para detectar a presença ou ausência do vírus. A não realização de testes está directamente relacionado a escassez de recursos financeiros para pagar os testes.

Acho que nunca tive, nunca cheguei de ficar contaminada pela COVID e nem pessoas que convivem comigo em casa, Graças a Deus, acho que tivemos muita sorte durante a pandemia, coisa que muitos não tiveram pois perderam muitos familiares (Maida, 19 anos)

Não tivemos esse problema na família e nem no mercado, pelo menos eu nunca fiquei sabendo que alguém por aqui passou mal pela pandemia, talvez em outros sectores, onde estou não tive problemas, pelo menos não apresentei sintomas graves, além disso fazer teste estava muito caro para nós (Miguel, 27 anos).

Por outro lado, observamos que os dados colectados revelaram que alguns vendedores informais do mercado grossista do Zímpeto relataram casos de colegas infectados pelo vírus. Isso sugere que a forma como cada vendedor aborda suas medidas preventivas pode influenciar sua exposição ao COVID-19 durante suas actividades comerciais. Nesta visão, o risco não é apenas uma condição inevitável, mas algo que se manifesta através das escolhas e interacções sociais, destacando a responsabilidade humana na gestão e mitigação desses riscos.

Eu nunca tive, mas já conheci pessoas que tiveram Covid-19 naquela época que acabava de iniciar, aqui no mercado conheço 5 pessoas que foram contaminadas e ficaram muito doentes e algumas ficaram até de baixa no hospital por conta dessa situação (Carla, 22 anos)

Não cheguei de confirmar, só ouvi dizer que tem um senhor que pegou o vírus aqui no mercado, mais para quem vai ao sector dos tomates, mas felizmente não morreu penso que agora deve estar recuperado (Sara, 29 anos)

Não chegamos a ficar contaminados, em casa estava tudo bem, aqui no mercado ouvi por raspões que alguém ficou contaminado e teve de parar de vender para ficar a medicar em casa, até estar totalmente curado (Sofia, 24 anos)

A fala de Carla demonstra uma experiência mais directa com o risco, uma vez que ela conheceu pessoalmente pessoas que foram contaminadas e adoeceram gravemente. No entanto, sua narrativa também revela a incerteza que envolve o risco da COVID-19, onde o perigo não é sentido de maneira uniforme. A menção de pessoas que precisaram de hospitalização reflecte a ideia de Beck de que, embora o risco seja global, suas consequências são desiguais, algumas pessoas sofrem mais gravemente que outras. Isso se alinha à tese de Beck (2011) de que o risco afecta as pessoas de maneira diferenciada, conforme suas condições socioeconómicas e de saúde.

Sara não teve uma experiência directa com a doença, mas baseia sua percepção do risco em rumores e relatos de terceiros. Essa fala reflecte o conceito de Beck (2011) sobre a mediação do risco através da comunicação e da circulação de informações. O fato de ela "ouvir dizer" que alguém foi contaminado demonstra a incerteza e o medo disseminados socialmente. Aqui, o risco é percebido como algo presente no ambiente (o mercado), mas não tangível, o que reforça a ideia de que os riscos modernos são frequentemente invisíveis e difíceis de detectar directamente.

Assim como Sara, Sofia não teve uma experiência directa com a contaminação, mas ouviu "por raspões" sobre alguém que foi infectado. Essa percepção indirecta do risco também está de acordo com a teoria de Beck (2011), que enfatiza como os riscos globais se tornam parte da vida cotidiana através de narrativas compartilhadas, mesmo que não sejam vivenciados pessoalmente. A fala de Sofia indica que, embora o risco exista, ele não se manifesta igualmente em todas as famílias ou indivíduos, reforçando a desigualdade na distribuição dos impactos do risco.

Essas falas exemplificam como a percepção de risco em tempos de pandemia está conectada não apenas à experiência directa, mas também à circulação de informações e à incerteza, elementos

centrais na teoria de Beck (2011). O risco da COVID-19, assim como outros riscos globais, é sentido de maneira diversa, dependendo das condições sociais e do acesso à informação.

Neste contexto, a ideia de uma conduta totalmente isenta de riscos é praticamente inalcançável, mesmo com acesso a abundantes informações, uma vez que não há garantia absoluta de evitar danos. Os vendedores informais se deparam inevitavelmente com riscos em todas as decisões que tomam, inclusive ao optar por não seguir medidas de prevenção (Beck, 2011).

À medida que o cálculo dos riscos associados à COVID-19 se torna mais complexo, surgem novos aspectos que anteriormente não eram considerados. Isso resulta em mais incertezas e riscos na prática comercial, especialmente em ambientes onde há exposição contínua ao vírus. Essa dinâmica ilustra como, apesar do acesso a informações e medidas preventivas, a gestão de riscos se torna mais desafiadora à medida que novas variáveis emergem, ampliando as incertezas e complicando a segurança nas operações comerciais cotidianas.

4.3. Mudanças provocadas pela COVID-19

4.3.1. Reestruturação do mercado e subida dos preços

A emergência da COVID-19 teve um impacto profundo na vida diária dos vendedores informais do Mercado grossista de Zimpeto, alterando significativamente suas práticas comerciais neste local específico. A pandemia não apenas exigiu a reestruturação das bancas no mercado, mas também transformou as formas de aquisição de meios de subsistência para os vendedores informais e a situação prevalece após o alívio das medidas preventivas.

Trouxe muita mudança na forma de trabalhar, antes tínhamos um lugar fixo para vender, quando corona surgiu fomos retiradas as bancas como uma das medidas de prevenção da corona, muita gente perdeu banca para poderem ampliar o Mercado, o Mercado já não está como era antes (Miguel, 27 anos).

Depois da COVID houve a subida de preços, teve muitas mudanças aqui no mercado, mesmo aqui onde estou a vender não estava aqui antes, houve troca de lugares, eu tinha uma banca, dizem que vão nos trocar, mas aqui onde estamos nem tem movimento como lá onde estava antes (Sofia, 24 anos).

A fala de Miguel destaca a instabilidade e a precariedade resultantes dessas reconfigurações. Segundo ele, a remoção das bancas foi uma medida de prevenção, mas gerou perdas para muitos comerciantes, evidenciando como o risco pandêmico desestabilizou a estrutura pré-existente do

mercado. Este cenário exemplifica o conceito de Beck (2011) sobre os "riscos fabricados" pela própria sociedade, que no caso da COVID-19, implicou políticas públicas que alteraram a forma como esses trabalhadores viviam e se sustentavam.

Por sua vez, a fala de Sofia mostra o impacto económico da pandemia, como o aumento de preços e a redistribuição de espaços de venda. A troca de lugares e a perda de movimento ilustram a incerteza e a insegurança económica que caracterizam o cenário pandémico, onde os riscos são socialmente produzidos e a vulnerabilidade dos trabalhadores se intensifica.

Além disso, o aumento nos preços dos produtos comerciais e a consequente diminuição na demanda dos clientes exemplificam como o contexto de risco afectou suas actividades comerciais. Essa situação obrigou alguns vendedores informais a reconsiderarem suas estratégias de negócio, procurando adoptar modelos mais sustentáveis. A revisão dos planos de vida traçados anteriormente também reflecte uma adaptação às novas condições de risco e incerteza trazidas pela pandemia. Isso sugere uma resposta estratégica à necessidade de mitigar riscos percebidos e ajustar expectativas em um contexto de mudança rápida e imprevisível.

4.3.2. Encerramento antecipado das actividades comerciais

A eclosão da pandemia exigiu também o encerramento mais cedo das actividades comerciais, o que afectou os vendedores informais pois este horário de encerramento era tido como o período do dia onde realizavam mais vendas. Uma outra mudança verificada foi o aumento no preço dos produtos comercializados que gerou uma menor procura pelos clientes, exigindo que alguns vendedores informais abandonassem o negócio que praticavam anteriormente e buscassem adoptar um negócio mais sustentável. As mudanças também se fizeram sentir ao nível dos planos de vida anteriormente traçados que por conta da pandemia tiveram de ser revistos.

Lembro que mudou muito sim em termos de hábitos e planos sobre a vida, o que queríamos fazer naquele ano como estudar na universidade, construir ter um emprego melhor mudaram quando emergiu o surto da COVID-19 que depois não consegui realizar tais planos porque tivemos que parar por causa da pandemia e tivemos que mudar de negócio e fazer outro tipo porque as pessoas compravam mais mascaras, álcool em gel e coisas de casa (Carla, 22 anos)

O encerramento antecipado das actividades comerciais devido às medidas de contenção da pandemia representou uma redução significativa na oportunidade de vendas para esses vendedores. Isso os expôs a uma incerteza acrescida sobre suas condições e formas de

aquisição dos seus meios de subsistência, pois o horário de encerramento anteriormente lucrativo se tornou inviável.

O futuro dos vendedores informais permanece incerto a partir do momento em que as relações humanas deixam de ser vistas como eventos que sempre sucedem da mesma forma. O futuro como risco implica que não há autoridade no presente que possa afirmar a capacidade de determinar o futuro, planificar acções ou conhecê-lo de facto (Beck, 2011). As mudanças ocorridas não só se fizeram sentir em termos estruturais como afectaram sobretudo a vida económica dos vendedores informais, impactando significativamente no seu poder aquisitivo e no bem-estar social dos indivíduos.

4.3.3. Renda familiar antes e durante a COVID-19

Os relatos dos nossos entrevistados revelam que a pandemia da COVID-19 teve um impacto profundo em seus ganhos financeiros. Antes da chegada do vírus, eles descrevem sua renda como robusta e excelente, permitindo-lhes atender todas as suas necessidades básicas e gerenciar suas actividades comerciais de forma independente, sem depender de terceiros.

Antes da COVID-19 ganhávamos bem, quando houve COVID-19, para cá as coisas estão apertadas, a única diferença é que agora conseguimos vender a vontade e as leis não são como antes. No tempo da COVID-19 e agora está um pouco melhor, mas não como era antes da COVID-19 que era melhor ainda (Messias, 31 anos)

Se não fosse a ajuda do meu namorado agora eu não teria nada, eu tinha o meu próprio produto e conseguia algo, quando a COVID chegou mudou tudo e agora não posso dizer que está pior, mas não está melhor como antes (Sofia, 24 anos)

No caso de Messias, sua narrativa expressa a percepção de que, antes da pandemia de COVID-19, havia uma maior estabilidade económica. A pandemia trouxe consigo um período de incerteza e dificuldades financeiras, o que pode ser relacionado ao conceito de risco global de Beck (2011), no qual eventos como a pandemia afectam indiscriminadamente as economias e os indivíduos. Ainda que ele reconheça uma leve melhoria em relação ao pico da crise, as condições não retornaram ao nível pré-pandemia, reflectindo o impacto duradouro desses riscos globais.

Sofia, por sua vez, destaca como a pandemia alterou sua situação económica e sua dependência de terceiros, como o namorado, para sobreviver. Isso também está alinhado com a ideia de

Beck (2011) de que os riscos globais afectam de maneira desigual as diferentes camadas da sociedade, exacerbando vulnerabilidades já existentes, especialmente entre grupos mais jovens e

economicamente fragilizados. Embora Sofia reconheça que a situação não esteja "pior", ela reforça que o retorno ao estado pré-pandémico ainda não foi alcançado, sinalizando as transformações permanentes que a pandemia trouxe à sua vida e economia pessoal.

Ambas as falas ilustram como os indivíduos vivenciam os efeitos do risco em suas vidas cotidianas, conforme teorizado por Beck (2011), com uma visão que contempla tanto o impacto imediato da pandemia quanto as dificuldades de recuperação no período subsequente.

Com o advento da pandemia, ocorreu uma queda significativa na renda diária dos vendedores informais, levando a um declínio nos negócios anteriores e exigindo uma rápida adaptação quanto aos produtos comercializados. Neste contexto, a adaptação se manifestou pela troca de produtos comercializados por outros mais acessíveis e mais procurados ao nível do mercado, incluindo produtos de higienização como as máscaras caseiras e médicas, produtos de primeira necessidade, álcool em gel, entre outros. Esta mudança representa uma alteração no ambiente de risco percebido pelos vendedores, onde a pandemia actua como um evento disruptivo que desafia suas expectativas anteriores de estabilidade económica.

Entre os aspectos positivos mencionados estão o relaxamento das restrições de circulação, o uso generalizado de máscaras e o ajuste nos horários de funcionamento dos mercados. No entanto, eles observam que, apesar das medidas recentes terem trazido benefícios perceptíveis, a renda ainda não é suficiente para cobrir as despesas diárias. Isso se deve em parte à diminuição na frequência de compras por parte dos clientes, que reduziram o poder de compra e de consumo observado antes e durante os períodos mais críticos da COVID-19.

Mudou mesmo a 100%, antes a renda era mil maravilhas, mesmo no período da COVID as coisas ainda estavam a andar bem e agora estamos aqui a sofrer com os efeitos da COVID. Depois dessa pandemia o mundo não se tornou mais o mesmo, muita coisa parou, as pessoas tiveram que se reinventar depois da pandemia (Miguel, 27 anos).

4.4. Percepções e experiências adquiridas pelos sobre a COVID-19

A convivência entre vendedores informais revela que, através de discursos socialmente construídos, eles desenvolvem visões próprias sobre a COVID-19. O risco é uma construção social e as percepções individuais e colectivas do risco são fundamentais para entender como as pessoas respondem a eventos considerados arriscados, como a pandemia de COVID-19.

Para alguns, essa doença não apenas ameaça sua saúde, mas também impacta seu bem-estar social e interações diárias. A percepção da COVID-19 como uma ameaça séria vai além do risco à vida; inclui também o impacto directo nas suas actividades de subsistência. Esta perspectiva reflecte uma preocupação profunda com os efeitos adversos que a doença pode ter não apenas na saúde individual, mas também na capacidade de prover sustento a si e seus dependentes.

A COVID-19 é uma doença muito perigosa que se espalha quando as pessoas tosse, espirram ou até mesmo se cumprimentam, apertando as mãos. Isso mudou completamente a forma como vivemos. Agora precisamos manter distância um do outro, usar máscaras e lavar as mãos com frequência para nos proteger (Sofia, 24 anos)

Para mim, a COVID-19 é mais do que só uma doença. É algo que mudou completamente nossas vidas. Desde que começou, precisamos ter muito cuidado com como interagimos uns com os outros. É uma época em que estamos todos aprendendo a lidar com algo novo e muito sério (Carla, 22 anos)

A percepção de risco de Sofia está centrada na transmissibilidade da COVID-19 e nas acções práticas para mitigá-la. Ao afirmar que "a COVID-19 é uma doença muito perigosa" que se espalha por meio de interações cotidianas, como tosse, espirros e apertos de mão, Sofia reconhece o risco imediato à saúde. Sua fala enfatiza medidas preventivas, como manter distância, usar máscaras e lavar as mãos, o que demonstra uma abordagem pragmática e concreta para lidar com o risco. Para Sofia, o risco está intimamente relacionado à forma como o vírus é transmitido e às precauções necessárias para reduzir essa ameaça.

A percepção de risco de Carla vai além do aspecto biológico do vírus, abrangendo suas consequências sociais. Ao afirmar que a COVID-19 "mudou completamente nossas vidas" e que é necessário "ter muito cuidado com como interagimos uns com os outros", Carla identifica o risco não apenas como uma ameaça à saúde física, mas também como uma transformação nas

relações sociais e na forma como as pessoas convivem. A visão de Carla destaca a incerteza e a necessidade de adaptação constante em resposta a um risco global e desconhecido, enfatizando que a pandemia representa um desafio amplo e duradouro.

A percepção de risco de Sofia e Carla revela como a pandemia transcendeu os limites de uma ameaça individual, tornando-se um fenómeno social que exige a reavaliação das interações cotidianas e das práticas de vida.

A teoria de Beck (2011) enfatiza que, em uma sociedade de risco, a incerteza é uma constante. As falas de Sofia e Carla demonstram que as pessoas estão aprendendo a lidar com esse novo contexto. Enquanto Sofia se concentra nas precauções imediatas, Carla reflecte uma adaptação mais profunda às mudanças sociais. Essa aprendizagem inclui não apenas a compreensão do vírus em si, mas também como essas mudanças impactam a convivência, a comunicação e as interações interpessoais.

No que concerne as formas de transmissão constatamos duas variantes, um grupo de entrevistados sublinha que a COVID-19 é vista não só como uma doença grave que se propaga facilmente por meio da tosse, espirros e contacto físico próximo, mas também como um evento transformador que reestruturou significativamente nossas rotinas e interações sociais.

E alguns vendedores expressaram a convicção de que a COVID-19 pode se disseminar rapidamente entre indivíduos e ambientes. Esse depoimento sublinha que, apesar das informações oficiais fornecidas pelo Ministério da Saúde, existem diversas percepções sobre o vírus, as medidas preventivas e os modos de transmissão que continuam sendo amplamente aceitas e compartilhadas na sociedade. Essa diversidade de pontos de vista ressalta a complexidade e a variedade de entendimentos em torno da pandemia, influenciando as atitudes e comportamentos das pessoas em relação à protecção e prevenção da COVID-19.

É uma doença que é transmissível pelo contacto com pessoas infectadas pela doença, e principalmente quando essas pessoas respiram o mesmo ar connosco ou partilhamos mesmas roupas, ou mesmo com simples troca de olhares com outras pessoas a nossa volta, essa é uma das formas de transmissão da COVID (Miguel, 27 anos).

Acho que a COVID-19 é mais uma doença de brancos que negros, pessoas negras são mais resistentes e não apanham o vírus de qualquer maneira como pessoas de

outros países, por isso vimos pessoas de fora serem mais afectadas que nos, por causa da pele (Carlos, 37 anos).

Ambas as falas abordam o conceito de risco de maneiras contrastantes, reflectindo diferentes níveis de consciência e compreensão da COVID-19. Enquanto Miguel demonstra uma compreensão da doença como um risco universal que requer cautela colectiva, Carlos adopta uma perspectiva que minimiza o risco para um grupo específico e atribui características raciais à resistência a doenças. Essa dinâmica ilustra como a modernidade reflexiva, conforme proposta por Beck (2011), é permeada por tensões sociais e desinformação que podem moldar a maneira como os indivíduos percebem e respondem aos riscos em suas vidas.

Essas falas revelam a complexidade da experiência humana diante da pandemia e como diferentes narrativas e crenças podem influenciar comportamentos e atitudes em relação à saúde pública e à prevenção de doenças.

A partir dos trechos mencionados, é evidente que os vendedores informais estão plenamente conscientes da gravidade da COVID-19. Com base nesse entendimento, eles adoptam uma série de estratégias preventivas para mitigar os riscos à saúde pública. Medidas urgentes como distanciamento físico, uso de máscaras faciais e práticas de higiene rigorosas emergiram como indispensáveis não apenas para salvaguardar a saúde individual, mas também para proteger os pilares fundamentais da sociedade e da economia.

Essas adaptações não se limitam a esferas individuais; ao contrário, reflectem um ajuste colectivo a uma nova realidade permeada por desafios e a necessidade de precauções adicionais. A COVID-19 transcende a sua definição meramente clínica, posicionando-se como um marco histórico que redefine profundamente nossa forma de viver e interagir.

A pandemia da COVID-19 não apenas transformou as condições de vida e trabalho dos vendedores, mas também trouxe novas experiências e aprendizados significativos. Este período desafiador não apenas despertou novos receios, mas também revelou os momentos difíceis enfrentados durante o pico da crise sanitária no país. O fechamento de igrejas, restaurantes, mercados, locais de lazer e escolas destacou a extensão das restrições impostas pela pandemia.

Neste contexto, os vendedores foram compelidos a adoptar medidas mais rigorosas para proteger não apenas sua própria saúde, mas também a de suas famílias. A COVID-19 ampliou a necessidade de precauções adicionais, intensificando a conscientização sobre higiene pessoal e distanciamento social como medidas essenciais para mitigar os riscos de contágio.

A pandemia não apenas reconfigurou a maneira como os vendedores operam em seus negócios, mas também os levou a uma profunda reflexão sobre os desafios enfrentados e as estratégias necessárias para adaptar-se a um cenário de constante mudança e incerteza. A adaptação a um ambiente de constante mudança e incerteza se tornou crucial, evidenciando a complexidade e a interconexão entre risco, percepção e acção dentro do contexto da pandemia (Beck, 2011).

Na fase da COVID-19 o momento mais difícil para mim, penso que foi controlar a situação em casa, conter as crianças em casa, sabemos nós que as crianças querem voar, querem brincar, ver os amigos e não convinha, o momento não permitia, tínhamos o medo da criança ir pegar o vírus e trazer para dentro de casa (Helton, 25 anos).

Quando estava a começar a COVID, eu que tenho asma enfrentei muitos problemas, tive medo de vir vender, estar com alguém que tem, aquilo ainda não estava esclarecido e não sabíamos bem o que era e quando ia terminar, não sabíamos como tínhamos que nos prevenir só víamos baldes de água e sabão, havia um medo por saber que estou no mercado que é um sítio público, aqui por dia entram milhões de pessoas (Sara, 29 anos)

Os relatos dos nossos entrevistados, aprenderam a adoptar medidas mais eficazes de prevenção contra doenças respiratórias, como a importância contínua do uso de máscaras em ambientes poluídos, além do uso regular de álcool em gel e a lavagem frequente das mãos. O surgimento do vírus levou à adopção de novos hábitos que agora se tornaram padrão no dia-a-dia de alguns vendedores. A pandemia também foi responsável por despertar neles a capacidade de se readaptar a qualquer circunstância, demonstrando uma resiliência frente a desafios emergentes. Essa adaptação demonstra não apenas uma resposta pragmática à crise, mas também uma resiliência diante de desafios emergentes, característica fundamental da capacidade humana de ajustar-se a novas realidades e incertezas (Beck, 2011).

Aprendi que é bom usara a máscara, desinfectar as mãos para não apanhar doenças, não usávamos muito álcool em gel, mas a partir daquele momento começamos a usar esse produto e estamos a usar até hoje, assim como a máscara (Carla, 22 anos)

Quando questionados sobre a presença contínua do vírus, alguns entrevistados indicaram que ainda acreditam na sua existência devido à obrigatoriedade do uso de máscaras nos hospitais. Por

outro lado, há aqueles que expressaram não acreditar mais na existência do vírus, pois não têm ouvido falar de novos casos há algum tempo.

Em relação à continuidade das medidas preventivas para evitar futuras contaminações, os entrevistados mencionaram que, devido à redução no número de casos e ao relaxamento das restrições, muitos não estão mais seguindo todas as precauções que eram anteriormente rigorosas. Actualmente, as únicas medidas que continuam sendo adoptadas são o uso de álcool em gel, a lavagem das mãos e o acto de cobrir a boca ao tossir com o braço dobrado. As demais precauções foram deixadas de lado. No entanto, é crucial reconhecer que qualquer acção acarreta potenciais riscos à saúde, mesmo quando medidas preventivas são implementadas para mitigar danos, como aqueles causados pela COVID-19.

A máscara já não uso como antigamente, não vejo muita necessidade nos dias de hoje, e também por uma questão de saúde, como tenho asma, mas lavar a mão e tossir no braço e não na mão passou a ser hábito (Sofia, 24 anos)

Acho que já não é necessário estar sempre de máscara em todos lugares a toda hora, o risco diminuiu, mas quando fico gripado a tendência é voltar a usar a máscara para não contaminar os outros a volta (Carlos, 37 anos).

Os extractos reforçam as análises de Beck (2011) sobre o risco, como sendo parte dos desafios que enfrenta o ser humano na vida social, desafios que não derivam da natureza, mas sim das consequências das próprias acções humanas, como uma possibilidade de danos futuros em função de decisões individuais e/ou colectivas.

Considerações Finais

O estudo sobre as estratégias e práticas de prevenção da COVID-19 entre os vendedores informais do Mercado de Zimpeto revela um complexo panorama de adaptações adoptadas por este grupo social. As entrevistas realizadas destacam a prevalência de práticas de prevenção, estabelecidas pela OMS e MISAU, como a lavagem regular das mãos, uso de máscaras e distanciamento social, como medidas essenciais para mitigar a propagação do vírus. No entanto, os relatos dos entrevistados evidenciam que, apesar das directrizes estabelecidas pela OMS e MISAU, a realidade do trabalho informal impõe barreiras significativas ao cumprimento rigoroso das medidas sanitárias e alguns vendedores informais revelaram que adoptam práticas de prevenção da COVID-19, localmente construídas, como uso de plantas de folhas de eucalipto e para realização de banho de bafo e folhas de camomila para o chá.

A incerteza gerada pela COVID-19 se manifesta de maneira desigual entre os indivíduos, na medida em que alguns ramos de trabalho permitem que o indivíduo trabalhe de forma isolada ou em formato digital. A natureza do trabalho dos vendedores informais implica a interação presencial com cliente, que se traduz do vendedor informal sair de casa para o mercado, enfrentando maiores dificuldades em gerir sua saúde e segurança. Isso se alinha à teoria de Beck sobre a sociedade de risco, onde as consequências de riscos globais, como a pandemia, se distribuem de maneira desigual, exacerbando as vulnerabilidades sociais já existentes.

Os dados colectados evidenciam que a COVID-19 é percebida não apenas como uma ameaça à saúde individual, mas também como um evento transformador que impacta profundamente as relações sociais e a dinâmica de subsistência desses vendedores.

As adaptações observadas entre os vendedores informais demonstram não apenas uma resiliência notável frente a uma crise, mas também uma aprendizagem colectiva que, por um lado, incorpora novos hábitos de higiene e distanciamento, e por outro, reflecte uma capacidade de reavaliação constante das práticas de vida e trabalho. A pandemia, portanto, se revela como um marco histórico que redefine não apenas as práticas individuais, mas também as relações comunitárias e o funcionamento das economias informais.

A pesquisa apresenta algumas limitações importantes. A natureza qualitativa do estudo permite uma compreensão profunda das experiências individuais e das estratégias de adaptação dos vendedores, mas não permite a generalização dos resultados para outros contextos similares ou diferentes. As experiências e percepções dos vendedores podem variar significativamente em outros mercados ou regiões, dependendo de diferentes dinâmicas sociais, económicas e culturais.

Portanto, o estudo foi realizado num período específico da pandemia, reflectindo as condições e as respostas dos vendedores durante esse tempo limitado. Isso pode não capturar totalmente a evolução das estratégias de prevenção ao longo do tempo ou em fases diferentes da pandemia, especialmente considerando a variabilidade das medidas governamentais e das informações disponíveis sobre a COVID-19.

Em termos de novidade o estudo mostra que a COVID-19 foi percebida como uma ameaça multidimensional, afectando não apenas a saúde, mas também as relações sociais e a subsistência económica. Apesar das adversidades, os vendedores demonstraram resiliência e adaptabilidade, integrando novos hábitos de higiene e reavaliando continuamente suas práticas de trabalho. Essa resiliência colectiva reflecte uma dinâmica de aprendizagem que vai além da crise sanitária, apontando para possíveis mudanças estruturais nas economias informais e nas interacções comunitárias. Assim, a pesquisa contribui para o entendimento das intersecções entre saúde pública, trabalho informal e adaptação comunitária, oferecendo subsídios para intervenções mais inclusivas e sensíveis às dinâmicas locais em crises futuras.

Referências bibliográficas

- Agy, A., et al. (2020). Avaliação da Implementação de Medidas de Prevenção do Covid-19 nos Sectores dos Mercados. Flash.
- Agy, A., et al. (2020). Impactos da Covid-19 Sobre os Agentes Económicos Informais na Cidade de Maputo. Flash.
- Bogoch, I. I., et al. (2020). Assessment of the potential impact of COVID-19 on disease transmission in Lagos, Nigeria: a modelling study.
- Cacciamall, M. (1994). Globalização e Processo de Informalidade. Campinas.
- Cárdenas, J., & Montana, J. (2020). Efecto del COVID-19 sobre las ocupaciones de trabajadores en Colombia. AlianzaEFI: ECI.
- Cepik, M. (2001). Segurança Nacional e Segurança Humana: problemas conceituais e consequências políticas (1ª ed.). Brasília.
- Chandrasekaran, B., et al. (2020). Strategies for retail workers to protect themselves from COVID-19.
- Colonna, E. (2012). *Eu é que fico com a minha irmã: Vida Quotidiana das crianças da periferia de Maputo* [Tese de Doutoramento em Estudos da Criança Especialidade em Sociologia da Infância, Universidade Minho]. Minho: Universidade Minho.
- Garcia, D. (2020). *Coronavírus no Mercado de Trabalho*. Rio de Janeiro.
- Green, L. W., & Kreuter, M. W. (2005). Health promotion planning: An educational and ecological approach (4th ed.). McGraw-Hill.
- Instituto de Pesquisa Económica Aplicada - IPC. (2020). Classificação integrada das fases de insegurança alimentar em Maputo e Matola. Maputo: INGD.
- Instituto Nacional de Estatística - INE. (2023). *Inquérito ao Sector Informal*. Maputo: INFOR.
- Kretchy, I. A., et al. (2020). Health-related information-sharing practices among social media users in Ghana amid the COVID-19 outbreak.
- Lima, A. (2020). Comércio Informal como Fonte de Renda em Tempo de Covid-19.
- Lima, E. (2017). Comércio Informal, Estudo Sobre Possíveis Contribuições na Economia e na Renda Familiar. Paraíba.
- Matsinhe, A. (2020). Sem Protecção Social, Vendedores Informais Podem Ser Empurrados Para a Pobreza.
- Beck, U.(2011). Sociedade do Risco: rumo a uma outra modernidade, São Paulo: Editora 34 Lda.

- Ministério da Economia e Finanças - MEF. (2021). O impacto socioeconómico da covid-19 na economia informal urbana de Moçambique: Resultados de um inquérito painel de operadores do sector informal. Maputo.
- Ministério da Saúde - MISAU. (2020). *Sobre o Coronavírus: cuidados e Prevenção*. Moçambique. Maputo.
- Mosca, J. (2015). Pobreza, economia “informal”, informalidades e desenvolvimento. Maputo: IESE.
- Organização Internacional do Trabalho - OIT. (2020a). *Como a COVID-19 afetará o mundo do trabalho?*
- Organização Internacional do Trabalho - OIT. (2020b). Alargar a segurança social aos trabalhadores da economia informal: Lições da experiência internacional. Genebra.
- Oxford Policy Management. (2020). COVID-19: How to adapt public health measures in response to evolving pandemic? Oxford: Oxford Policy Management.
- Richardson, R. (2012). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas* (1ª Edição). São Paulo: Atlas S.A.
- Silva, J.P. (2010). *Trabalho, o Sector Informal*. São Paulo.
- Siúta, M., & Macuane, J. (2021). *Desafios Para Moçambique*. Institutos de Estudos sociais e de economia, Maputo.
- Stacciarini, J. (2018). O mercado informal de Maputo (Moçambique) e a feira de Xipamanine: entre curiosidades e vivências. Minas Gerais: UFCG.



Termo de Consentimento Informado

Este termo visa a sua permissão para participar da pesquisa referente ao tema: *"Gestão de Risco no Comércio Informal: Estratégias e Práticas de Prevenção face a COVID-19 entre os Vendedores Informais do Mercado de Zimpeto (2020 – 2021)"*. Os objectivos deste estudo visam fazer o levantamento apresentar o perfil sociodemográfico dos vendedores; descrever as estratégias e práticas de prevenção de COVID- 19 e relacionar as experiências adquiridas pelos vendedores informais do Mercado de Zimpecto sobre a prevenção de COVID-19 com as possibilidades de prevenir futuros desastres (sanitários).

Por intermédio deste termo são garantidos e assegurados os seguintes direitos do/a entrevistado/ solicitar, a qualquer momento, maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, é assegurado o sigilo absoluto sobre sua identidade pessoal, os entrevistados têm o direito de recusar responder alguma questão que considere inapropriada e tem o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento.

A sua participação permitirá extrair um maior conhecimento sobre a realidade dos Vendedores Informais afectos ao Mercado do Zimpeto, podendo trazer subsídios sobre decisão, se assim for necessário.

Assinatura

Guião de entrevista realizado aos Vendedores Informais

Tópicos	Aspectos Relevantes da Entrevista
Dados Sociodemográficos dos Vendedores Informais	• Idade • Sexo • Local de Residência • Nível de Escolaridade • Com quem vive • Quem é o provedor da sua família • A quanto tempo no comercio informal • Principais produtos que comercializa
Estratégias e Práticas de Prevenção face a Covid-19	• Já ouviu falar da Covid-19? Se sim, fale-nos no seu entender? • Conhece as medidas de prevenção da covid-19? Se sim, adopta? Na sua opinião essas medidas são eficazes? • Para além desses métodos o que faz para se prevenir da Covid-19 enquanto realiza a venda de seus produtos no mercado? • Alguma vez ficou contaminado pela Covid-19? Se sim, conte-nos como foi e o que terá originado a contaminação na sua opinião? • Alguém que vive consigo terá sido contaminado pela Covid-19? Se sim conte-nos como foi?
Principais Focos de Contaminação	• Na sua opinião, durante a realização da sua actividade comercial que ambientes/locais tinha mais receio de ficar mais contaminado/a pela Covid-19? • Porquê acha esses lugares/ambientes propensos a contaminação pela Covid-19? • Já alguma vez chegou a frequentar estes ambientes? Se sim, porquê lá foi mesmo sabendo dos riscos e tendo receio? • Já ouviu algum caso de pessoas do mercado que de uma forma foram contaminados? E o que terá originado a contaminação no seu entender? • Que estratégia adopta para evitar esse fato?
Experiências Adquiridas a Partir da Covid-19 e Dificuldades Enfrentadas pelos vendedores Informais	• Considera que a Covid-19 terá provocado alguma mudança na sua vida pessoal e da sua família? Se sim, o que mudou? • Quais foram os momentos mais difíceis que passou durante o período de pico da Covid-19? • Como caracteriza a sua renda antes, durante o período de pico da pandemia e atualmente? O valor que conseguia nestes 3 períodos é o mesmo? • O que aprendeu com a pandemia da Covid-19? • Na sua opinião a Covid-19 ainda constitui uma ameaça no seu dia-a-dia no mercado e na sua vida pessoal/familiar? Se sim, porquê? • Que medidas adopta agora para evitar ser contaminado pela Covid-19 e por outras doenças. • O que faz para evitar as dificuldades que passou?